

**O GÊNERO TEXTUAL CRÔNICA:
UMA PROPOSTA DE ANÁLISE
PARA FINS DE LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL**

Welton Rodrigues Santos (IFBaiano; PUC-Minas)
weltontantos83@gmail.com

RESUMO

O trabalho com textos pressupõe um planejamento para se traçarem estratégias para se alcançar a aprendizagem. Organizamos nossos pensamentos e nossa linguagem em textos que, segundo Bronckart (2008), são "toda unidade de produção verbal que veicula uma mensagem organizada e que visa a produzir um efeito de coerência sobre o destinatário". Entretanto, dependendo da finalidade da produção verbal a ser veiculada, serão organizados a partir de arquetextos de uma determinada comunidade linguageira (BRONCKART, 2008). Assim, propõe-se uma sequência didática voltada para uma aula de português com leitura e produção textual do gênero crônica para estudantes da educação básica. A atividade consiste em o aluno ter acesso, primeiramente, a informações referentes ao gênero proposto, pois os gêneros textuais possuem uma identidade que nos direciona a escolhas que não podem ser totalmente livres nem aleatórias, relativamente ao léxico, ao grau de formalidade ou à natureza dos temas. Depois, através da leitura da crônica "Uma Lição de Vida", de Jorge Fernando dos Santos, o estudante terá contato com uma produção já publicada de um cronista consagrado. Numa terceira etapa, o professor fará uma análise da referida crônica, com os alunos, com base a proposta em Bronckart (2007). Deste modo, juntamente com os estudantes, o professor destrinchará o texto para que eles compreendam sua estrutura e sua infraestrutura geral, seus mecanismos de textualização e os mecanismos enunciativos. Por fim, os alunos buscarão um assunto de seu interesse em jornais, revistas etc. para produzirem uma crônica. Os interlocutores serão os próprios estudantes que, através da leitura de seus textos em sala de aula, compartilharão suas experiências de produção. Nossa base teórica se encontra em Bakhtin (1992), Bronckart (2001 e 2008), Matencio (2013) e Moisés (2004).

Palavras-chave: Gênero textual. Crônica. Análise do discurso. Aprendizagem. Texto.

1. Introdução

O trabalho com textos em sala de aula pressupõe o uso de um planejamento para se traçar estratégias com o objetivo de que a aprendizagem seja alcançada. Todos nós organizamos nossos pensamentos e nosso agir linguageiro em textos que, segundo Jean-Paul Bronckart (2008), é "toda unidade de produção verbal que veicula uma mensagem organizada e que visa a produzir um efeito de coerência sobre o destinatário". No entanto, a depender da finalidade da produção verbal a ser veiculada, esses

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

textos serão organizados a partir de modelos chamados de arquitextos de uma determinada comunidade linguageira. (BRONCKART, 2008)

Nessa perspectiva, este artigo propõe uma análise textual voltada para uma aula de língua portuguesa com fins de leitura e produção de texto do gênero crônica com estudantes da educação básica. Por ser uma proposta, o leitor, possível professor de língua portuguesa, terá as bases iniciais, podendo, a partir dessa proposta, aprimorar e adaptar às diversas realidades educacionais existentes no Brasil. Assim, ao longo das próximas páginas, será apresentada uma base teórica concernente a perspectiva adotada para análise dos gêneros textuais que terá como principais expoentes Bakhtin e Jean-Paul Bronckart. Em seguida, serão abordadas algumas características do gênero crônica, a fim de direcionar os leitores quanto as peculiaridades e surgimento desse gênero. Além disso, será sugerida uma proposta de atividade que pode ser aplicada em sala de aula com estudantes da educação básica, com fins de leitura e produção do gênero crônica. Por fim, será apresentada a análise da crônica “Uma Lição de Vida” do cronista Jorge Fernando dos Santos, baseada na perspectiva do folhado textual proposto por Jean-Paul Bronckart (2009).

2. *Base Teórica*

2.1. Gêneros textuais

O uso da língua permeia todas as esferas das atividades humanas, sejam elas de ordem profissional, pessoal, religioso, jornalístico, teatral, consideradas simples ou complexas. O modo e os tipos de utilização da língua são diversos e, em muito, variados, porém essa diversidade de usos não implica na unidade que a língua de uma determinada comunidade linguística possui. Esses usos da língua podem ocorrer nas modalidades oral e escrita, através de enunciados concretos que, por sua vez, são únicos, pois dependem de todo um contexto que assim os torna. A formação de um enunciado é feita a partir de três elementos básicos, sendo eles o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional, conforme afirma Mikhail Bakhtin (2003):

O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais –, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. (2003, p. 280)

As esferas das atividades humanas, por conta dos usos que lhes são mais pertinentes e apropriados, elaboram seus respectivos tipos de enunciados, a fim de satisfazerem determinadas necessidades de produção textual (oral ou escrita). São esses tipos de enunciados, que apresentam uma relativa estabilidade de produção e que se destinam a determinadas esferas de atividade social, que Mikhail Bakhtin (2003) denomina de gêneros do discurso.

No entanto, é importante salientar que, apesar de os gêneros discursivos apresentarem relativa estabilidade, como citado anteriormente, essa estabilidade não se resume a forma, apesar de muitos gêneros que circulam socialmente serem identificados pela sua estrutura linguístico-textual. Logo, na visão bakhtiniana, a noção de gênero está vinculada à interação dos indivíduos nas mais diversas esferas da sociedade, conforme explica Rosângela Hammes Rodrigues (2007) baseando-se na noção de gênero de Mikhail Bakhtin e o Círculo:

Em segundo lugar, correlacionam os gêneros às esferas da atividade e comunicação humanas, mas especificamente às situações de interação dentro de determinada esfera social (esfera cotidiana, do trabalho, científica, escolar, religiosa, jornalística, etc.). É somente nessa situação de interação que se podem apreender a constituição e o funcionamento dos gêneros. O que constitui um gênero é sua ligação com uma situação social de interação e não as suas propriedades formais. (RODRIGUES, 2007, p. 164)

Schneuwly (1994), apresenta os gêneros do discurso como instrumentos, corroborando com a noção de gêneros do discurso em Mikhail Bakhtin. O instrumento (gêneros do discurso) se posiciona entre o sujeito que age discursivamente e o objeto sobre o qual age ou situação na qual esse sujeito age, determinando o comportamento do indivíduo, guiando-o, afinando-o e o diferenciando em sua percepção da situação onde ele (o indivíduo) é levado a agir, tornando, assim, a atividade discursiva tripolar: sujeito, instrumento e situação. Além disso, o instrumento não tem somente a função mediadora do agir discursivo, mas também tem o poder de materialização dessa ação, pois pode também representar a ação discursiva, como afirma Schneuwly (1994) “as atividades não mais se presentificam somente em sua execução. Elas existem, de uma certa maneira, independentemente desta, nos instrumentos que as representam e, logo, significam-nas”.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Jean-Paul Bronckart (2001) discorre sobre o conceito de gêneros de textos⁶ como sendo pré-construtos, ou seja, são instrumentos ou ferramentas que existem antes mesmo das ações do indivíduo. Além disso, os gêneros carregam em si modelos e valores sócio-históricos que caracterizam modelos de referência de certas esferas sociais em determinado estado sincrônico. Sobre a perspectiva de gêneros de textos, Anna Rachel Machado (2007), fazendo referência a Jean-Paul Bronckart (1996), explica que

Eles (os gêneros de textos) são objetos de avaliações sociais permanentes, o que acaba por constituir-los, em determinado estado sincrônico de uma sociedade, como uma espécie de “reservatório de modelos de referência”, dos quais todo produtor deve se servir para realizar ações de linguagem. Eles se encontram necessariamente indexados às situações de ação de linguagem, i. é, são portadores de um ou de vários valores de uso: em uma determinada formação social, determinado gênero é considerado como mais ou menos pertinente para determinada situação de ação. (2007, p. 250)

Muitas vezes os usuários de uma língua natural são tentados a identificarem os gêneros textuais tão somente através de determinados traços e elementos textuais, tais como os traços de estrutura formal de produção de uma carta pessoal, de um memorando, de um artigo científico, de uma crônica, enfim, devido a própria familiarização com certos gêneros que lhes são mais acessíveis em sua vida cotidiana. Entretanto, essa identificação meramente formal (estrutural), apesar de útil em algumas situações de determinadas esferas sociais, acaba por desconsiderar o carácter sincrônico dos gêneros textuais, tornando-os atemporais. Agindo dessa maneira, segundo afirma Charles Bazerman (2006), o indivíduo estaria obtendo uma visão incompleta e enganadora de gênero. Ainda segundo Charles Bazerman (2006), “a definição de gêneros como apenas um conjunto de traços textuais ignora o papel dos indivíduos no uso e na construção de sentido. O autor, portanto, conceitua os gêneros textuais como sendo:

tão-somente os tipos que as pessoas reconhecem como sendo usados por elas próprias e pelos outros. Gêneros são o que nós acreditamos que eles sejam. Isto é, são fatos sociais sobre os tipos de atos de fala que as pessoas podem realizar e sobre os modos como elas os realizam. Gêneros emergem nos processos sociais em que pessoas tentam compreender umas às outras suficientemente bem para coordenar atividades e compartilhar significados com vistas a seus propósitos práticos. (2006, p. 31)

⁶ A nomenclatura *Gêneros de Textos* utilizada por Bronckart (2001), a nomenclatura *Gêneros do Discurso* utilizada por Bakhtin (2003) e a nomenclatura *Gênero Textual* utilizada acima no título, neste artigo se equivalem.

Os gêneros textuais, a pesar de marcar um estado sincrônico das esferas sociais de uso, não surgem indiscriminadamente do nada. Normalmente, os gêneros surgem ancorados em outros já existentes e isso ocorre devido a mudanças na configuração da realidade social. Pode-se pensar, assim, no gênero conversa telefônica, que surge a partir do século XIX, e recria o gênero conversa face a face; o gênero e-mail que recria o gênero carta pessoal e comercial, e assim por diante. Sobre essa questão, Mikhail Bakhtin (1997) diz que os gêneros passam por um processo de transmutação e de assimilação de um gênero por outro, gerando outros novos. Tzvetan Todorov (1980) afirma que “um novo gênero é sempre a transformação de um ou de vários gêneros antigos: por inversão, por deslocamento, por combinação. (TODOROV, 1980, p. 46)

A grande variedade dos gêneros textuais se divide em dois grandes grupos essencialmente existentes que são os dos gêneros primários (simples) que, segundo Mikhail Bakhtin, consistem naqueles que se constituem em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea, tais como os diálogos orais das reuniões sociais, dos círculos, linguagem familiar, cotidiana, linguagem sociopolítica, filosófica, etc. O outro grupo é o dos gêneros secundários (complexos) que, segundo o mesmo autor, são aqueles que “aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica”. (BAKHTIN, 2003, p. 281)

Como visto, a proposta teórica deste trabalho baseia-se em uma visão sociointerativa da língua. Nessa perspectiva, os gêneros textuais se constituem como ações sociodiscursivas, uma noção de língua como atividade social, histórica e cognitiva, para agir sobre o mundo e dizer o mundo, constituindo-o de algum modo, como afirma Luiz Antônio Marcschi (2002. p. 22).

2.2. O gênero textual crônica

O gênero crônica surgiu no Brasil no século XIX, no período do Romantismo e com o desenvolvimento da imprensa e tratava de diversos temas do cotidiano da época. É considerado um dos gêneros jornalísticos mais antigos e até hoje exerce essa função social de comentar fatos do dia a dia da sociedade, buscando um ângulo diferente, trazendo consigo a reflexão. Inicialmente foi denominado de folhetim, conforme cita João Roberto Faria no prefácio da obra *Crônicas Escolhidas*, de José de Alencar:

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Naqueles tempos, a crônica chamava-se folhetim e não tinha as características que tem hoje. Era um texto mais longo, publicado geralmente aos domingos no rodapé da primeira página do jornal, e seu primeiro objetivo era comentar e passar em revista os principais fatos da semana, fossem eles alegres ou tristes, sérios ou banais, econômicos ou políticos, sociais ou culturais. O resultado, para dar um exemplo, é que num único folhetim podiam estar, lado a lado, notícias sobre a guerra da Crimeia, uma apreciação do espetáculo lírico que acabara de estrear, críticas às especulações na Bolsa e a descrição de um baile no Cassino. (ALENCAR, 1995, p. 11)

Segundo Vanilda Salton Köche e Adiane Fogali Marinello (2013), a crônica consiste em um texto que faz uma reflexão pessoal em relação a fatos do cotidiano que, em alguns casos, aparentemente não tem muita relevância, no entanto, o cronista o significa, colocando-o em evidência, mostrando ângulos não percebidos. As autoras ainda colocam que a crônica não tem pretensão de abordar o fato como um todo, mas sim alguns detalhes mais relevantes. Além disso, esse gênero apresenta algumas características que lhes são comuns, como ser um texto relativamente curto e rápido e também utilizar de uma linguagem comum e familiar que normalmente se aproxima da conversação oral.

Massaud Moisés (1979) destaca além da brevidade da crônica, sua subjetividade. A respeito da brevidade o autor diz que a crônica é um texto curto, de meia coluna de jornal ou de uma página de revista. Quanto a subjetividade, o autor destaca o fato do texto ser escrito com o foco narrativo em primeira pessoa do singular. Para Massaud Moisés, a impessoalidade não é aceita pelo cronista, pois o seu texto é justamente a sua percepção dos fatos do mundo.

Quanto a linguagem, a crônica faz uso de um estilo direto, espontâneo, jornalístico, de fácil apreensão, porém não deixa também de fazer uso da linguagem metafórica que caracteriza os textos literários. (MOISÉS, 1979, p. 256)

De acordo com Vanilda Salton Köche e Adiane Fogali Marinello (2013), existem dois tipos de crônicas, sendo a literária e a não-literária. Na crônica literária, segundo as autoras “o cronista transforma os elementos objetivos em estéticos a partir de sua liberdade e capacidade imaginativa”. Já na crônica não-literária, ainda segundo as autoras, “o autor vale-se da realidade objetiva, com seus dados passíveis de comprovação”. (KÖCHE & MARINELLO, p. 260-261)

3. Proposta de atividade

- Possibilitar aos estudantes acesso ao gênero textual crônica, levando para sala de aula alguns textos de cronistas consagrados ou de algum cronista que faça parte do contexto social do lugar onde a escola é situada;
- Propor a leitura de algumas crônicas (de preferência aquelas mais curtas), discutindo logo após os temas abordados nos textos;
- Propor uma pesquisa sobre o gênero crônica, buscando suas origens, principais características e funções sociais;
- Analisar uma crônica em sala de aula, juntamente com os estudantes, explorando a infraestrutura geral do texto, os mecanismos de textualização e os mecanismos enunciativos. A ideia é desmontar todo o texto para que o estudante perceba a estruturação e tessitura de um texto;
- Propor aos estudantes uma pesquisa de temas da atualidade e do cotidiano, podendo ser aquele que mais chame a atenção de cada estudante, com fins de produzirem uma crônica;
- Após a revisão e observações do professor, propor a reescrita do texto;
- Organizar um dia especial para a leitura e exposição dos textos produzidos ou propor a produção de um livro de crônicas da turma com direito a noite de autógrafos.

4. Proposta de análise

Neste artigo, o método de análise apresentado é o proposto por Jean-Paul Bronckart (2009) que concebe a organização de um texto como um folhado constituído por três camadas superpostas, sendo elas a infraestrutura geral do texto, os mecanismos de textualização e os mecanismos enunciativos. Sobre essa divisão/organização Jean-Paul Bronckart diz que

Essa distinção de níveis de análise responde adequadamente à necessidade metodológica de desvendar a trama complexa da organização textual, mas a lógica de sobreposição que propomos se baseia, mais profundamente, na constata-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

tação do caráter hierárquico (ou parcialmente hierárquico) de qualquer organização textual. (BRONCKART, 2009, p. 119)

A infraestrutura geral do texto é constituída pelo plano geral do texto, pelas articulações entre os tipos de discursos e pela noção de sequência existente nos textos (BRONCKART, 2009, p. 120 e 121). Os mecanismos de textualização, por sua vez, consistem em criar séries isotópicas para o estabelecimento de coerência temática, está ligada a linearidade do texto e explícita as grandes articulações hierárquicas, lógicas e/ou temporais (*Ibid.*, p. 122). Por fim, os mecanismos enunciativos são responsáveis pela manutenção da coerência pragmática do texto, conforme coloca Jean-Paul Bronckart (2009):

contribuem para o esclarecimento dos posicionamentos enunciativos (quais são as instâncias que assumem o que é enunciado no texto? Quais são as vozes que aí se expressam? E traduzem as diversas avaliações (julgamentos, opiniões, sentimentos) sobre alguns aspectos do conteúdo temático. (BRONCKART, 2009, p. 130)

O texto a ser analisado neste artigo consiste em uma crônica do mineiro Jorge Fernando dos Santos, intitulada “Uma Lição de Vida”, conforme segue:

Uma lição de Vida

Uma coisa que sempre me comoveu (e intrigou) é a alegria da rapaziada da coleta de lixo. Dia sim, dia não, o caminhão da SLU desce a minha rua e eles fazem aquela algazarra. Quase sempre estão brincando, tirando sarro uns com os outros, sorridentes e solícitos com os moradores. Mesmo na pressa de apanhar os sacos de lixo, encontram tempo para gritar “bom dia, patrão” ou para comentar a vitória do Galo, a derrota do Cruzeiro ou vice-versa.

Dia desses levantei de bom humor, o que nem sempre acontece nas manhãs quentes de verão. No momento em que saía de casa, vi surgir no topo da rua o grande caminhão amarelo. E eis que de sua traseira saltou um negão todo suado, com um sorriso branco no meio da cara. A vizinha do lado estava lavando o passeio, desperdiçando água como já é de costume. O sujeito limpou o suor na manga da camisa e a cumprimentou. “Será que a senhora me deixa beber um pouco d’água?”, ele perguntou sem rodeios. “Essa água não é boa”, ela disse. “Espera um pouco que eu busco água filtrada”. “Que é isso, madame? Precisa não. Água da mangueira já está bom demais”.

Ela estendeu o jato d’água e ele se deliciou. Depois de beber boas golas, meteu a carapinha sob a água e se refrescou. O sol no céu azul estava de arrebentar mamona e o alto da rua oscilava sob o efeito do calor. O negão agradeceu a “caridade” da minha vizinha e seguiu correndo atrás do caminhão amarelo, dentro do qual atirava os sacos de lixo apanhados no passeio. Na esquina de baixo, o caminhão parou, pois o condomínio em frente sempre produz muitos sacos plásticos. Quando passei pelo negão e seu companheiro, am-

bos atiravam sacos no triturador do caminhão. Parei na sombra de uma quaresmeira para observar o trabalho deles enquanto esperava ônibus.

O motorista saiu da boleia com um cigarro na boca e perguntou se eu tinha fósforo. Emprésteei-lhe o isqueiro e, enquanto ele acendia o seu “mata rato”, comentei: “Sempre admirei a alegria com que vocês trabalham”. O motorista soprou a fumaça, devolveu-me o isqueiro e comentou: “E por que a gente devia de ser triste?” “Não sei... Um trabalho desses não deve ser mole.” “Claro que não”, ele retrucou. “Mas duro mesmo é a vida de quem revira o lixo à procura de comida. A gente pelo menos não chegamos lá”. Em seguida, ele entrou na boleia, os dois homens de amarelo terminaram a coleta e subiram na carroceria. O caminhão arrancou e eu fiquei pensativo, enquanto esperava o “busun”.

SANTOS, [s/d.]. <<http://umacoisaeoutra.com.br/cultura/jorge.htm>>.

4.1. Infraestrutura geral do texto

Plano geral do texto

- Comentário sobre a percepção da personagem que narra os acontecimentos quanto a um fato da vida que lhe chama a atenção e o intriga. (§ 1);
- O negão cumprimenta a vizinha que lava o passeio e lhe pede água. (§ 2);
- A vizinha estende o jato d’água, o negão se refresca e, logo após, agradece a “caridade” e segue correndo atrás do caminhão. (§ 3);
- O narrador para na sombra de uma quaresmeira enquanto espera o ônibus. (§ 2);
- O motorista sai da boleia do caminhão e pede fósforo à personagem narrador. (§ 4);
- Motorista do caminhão e personagem narrador dialogam sobre quão difícil é a vida de quem trabalha na coleta de lixo urbano. (§4);
- Ponto máximo de reflexão e desfecho da crônica. (§ 4).

Tipo de discurso

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Na crônica “Uma Lição de Vida”, temos um exemplo de tipo de discurso relato interativo. Verifica-se isso pelas unidades linguísticas existentes, apresentando forma verbal e pronomes de 1ª pessoa que implicam o enunciador como um dos participantes da interação:

- “me comoveu” (§ 1);
- “levantei” e “vi surgir” (§ 2);
- “passei” e “parei” (§ 3)
- “emprestei-lhe”, “comentei”, “admirei”, “eu fiquei” e “esperava” (§ 4).

Outra característica do discurso relato interativo na referida crônica de Jorge Fernando dos Santos é o uso dos pretéritos perfeito e imperfeito que coloca os conteúdos apresentados como estando distantes temporalmente em relação ao momento da produção, estabelecendo-se uma relação de disjunção (MACHADO, 2007, p. 244):

- “comoveu” (§ 1);
- “levantei”, “saía”, “soltou”, “estava lavando”, “limpou”, “cumprimenteu” e “perguntou” (§ 2);
- “estendeu”, “deliciou”, “meteu”, “refrescou”, “oscilava”, “agradeceu”, “seguiu”, “atirava”, “parou”, “passei”, “atiravam”, “parei”, “esperava” (§ 3);
- “saiu”, “perguntou”, “tinha”, “emprestei-lhe”, “acendia”, “comentei”, “admirei”, “soprou”, “devolveu-me”, “comentou”, “retruncou”, “entrou”, “terminaram”, “subiram”, “arrancou”, “fiquei” e “esperava” (§ 4)

No entanto, na crônica analisada, apesar de predominar o discurso relato interativo, pode-se perceber também traços do discurso interativo, tais como pronomes de 1ª e 2ª pessoas⁷, que implicam os participantes da interação, além de verbos no tempo presente que colocam o conteúdo verbalizado concomitantemente ao momento de produção.

⁷ Nos diálogos diretos apresentados no texto, os verbos na 3ª pessoa possuem valor de 2ª, já que este encontra-se em desuso no português brasileiro.

Sequência

O texto foco de análise apresenta uma sequência narrativa predominante nos quatro parágrafos do texto, podendo ser dividido da seguinte forma:

- Situação inicial (§ 1);
- Ações e complicação (§ 2 e 3);
- Avaliação e Resolução Final (§ 4).

4.2. Mecanismos de textualização

Conexão

Os mecanismos de conexão possuem a utilidade de contribuir na marcação da progressão temática do texto e são realizados por organizadores textuais, tais como conjunções, advérbios, locuções adverbiais, grupos preposicionais, grupos nominais e segmentos de frases, que, segundo Jean-Paul Bronckart (2009), “podem ser aplicados ao plano geral do texto, às transições entre tipos de discurso e entre fases de uma sequência, ou ainda às articulações mais locais entre frases sintáticas” (p. 122). Seguem os organizadores textuais que constituem mecanismos de conexão no texto em foco:

- “Dia sim, dia não”, “Quase sempre” e “mesmo na pressa” – Articulam seguimentos que compõem a observação do narrador-personagem na situação inicial (§ 1);
- “Dia desses” – Marca a articulação entre a situação inicial do texto (§ 1) e o início das ações (§ 2);
- “No momento” (§ 2) – Marca a articulação entre o início das ações e a complicação;
- “Na esquina de baixo” (§ 3) – Marca a articulação entre a complicação e a avaliação;
- “Em seguida” (§ 4) – Marca a articulação entre a avaliação e a resolução final da narrativa.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Existem também outros organizadores textuais ao longo da narrativa que estabelecem conexões sintáticas, conforme seguem:⁸

- “que”, “e”, “da”, “com”, “para” e “ou” (§ 1);
- “como” e “sem” (§ 2);
- “depois”, “sob”, “atrás”, “dentro”, “no passeio”, “pois”, “sempre” e “enquanto” (§ 3);
- “se”, “claro que não”, “mas” e “pelo menos” (§4).

Coesão nominal

Os mecanismos de coesão nominal têm como função, através da anáfora, introduzir temas e/ou personagens novos na tessitura do texto, além de assegurar a retomada ou substituição dos mesmos. As anáforas podem ser pronomes pessoais, relativos, demonstrativos e possessivos, além de alguns sintagmas nominais. Seguem exemplos de como se dá a coesão textual no texto em foco:⁹

Parágrafo 1

- “rapaziada da coleta de lixo” – Introdução de personagem por um sintagma nominal indefinido;
- “eles” – Retomada do personagem por pronome pessoal;
- “Ø estão brincando” – Retomada do personagem por elipse;
- “Ø encontram tempo” – Retomada do personagem por elipse;
- Introdução do narrador-personagem que será identificado no texto apenas por desinências verbais de 1ª pessoa, facilmente identificáveis pelo contexto, em uma sucessão de elipses, sendo retomado apenas duas vezes pelo pronome pessoal “eu” no parágrafo 4.

⁸ Evitou-se a repetição, colocando-se apenas uma vez cada organizador textual, independentemente do número de vezes em que aparecem no texto.

⁹ Outros exemplos de coesão textual existem no texto, porém não foram listados para evitar excesso de repetições.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Parágrafo 2

- “um negão” – Introdução de personagem por SN indefinido;
- “a vizinha do lado” – Introdução de personagem por SN indefinido;
- “o sujeito” – Retomada de personagem (negão) por SN indefinido;
- “a cumprimentou” – Retomada de personagem (vizinha) por pronome oblíquo átono;
- “a senhora” – Retomada de personagem (vizinha) por SN indefinido;
- “me deixa” – Retomada de personagem (negão) por pronome oblíquo átono;
- “ele” – Retomada de personagem (negão) por pronome pessoal do caso reto;
- “ela” – Retomada de personagem (vizinha) por pronome pessoal do caso reto;
- “eu” – Retomada de personagem (vizinha) por pronome pessoal do caso reto;
- “madame” – Retomada de personagem (vizinha) por SN indefinido.

Parágrafo 3

- “se deliciou” – Retomada de personagem (negão) por pronome oblíquo átono;
- “Ø meteu” – Retomada de personagem (negão) por elipse;
- “se refrescou” – Retomada de personagem (negão) por pronome oblíquo átono;
- “o negão” – Retomada de personagem por SN indefinido;
- “minha vizinha” – Retomada de personagem por SN indefinido;
- “Ø seguiu” – Retomada de personagem por elipse;

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

- “caminhão amarelo” – Introdução de novo elemento;
- “do qual” – Retomada de elemento (caminhão);
- “pelo negão e seu companheiro” – Retomada de personagem e introdução de novo personagem por SN indefinido;
- “ambos” – Retomada de personagens por pronome indefinido;
- “deles” – Retomada de personagens por pronome possessivo.

Parágrafo 4

- “o motorista” – Introdução de personagem por SN indefinido;
- “Ø emprestei-lhe” – Retomada de personagem por elipse (narrador-personagem) e por pronome oblíquo átono (o motorista);
- “seu” – Retomada de personagem por pronome possessivo;
- “vocês” – Retomada de personagens por pronome pessoal;
- “a gente” – Retomada de personagem por pronome indefinido.

Coesão Verbal

Os mecanismos de coesão verbal são responsáveis pela organização temporal e hierárquica dos processos verbalizados no texto que são essencialmente realizados pelos tempos verbais (BRONCKART, 2009. p. 126-127). Vale destacar que esses mecanismos de coesão estão diretamente relacionados aos tipos de discursos existentes no texto.

No texto em análise, no primeiro parágrafo, em que apresenta um segmento de discurso interativo, o tempo base é o presente (é, desce, fazem, estão, encontram) que atribui, aos processos verbalizados a que se aplica, uma temporalidade genérica, isto é, que não se prende ao tempo presente de produção. Além do tempo presente, ocorrem também dois verbos no pretérito perfeito simples (comoveu, intrigou) que parecem dar traços, ou motivarem, a narração que se desenvolverá no decorrer do texto.

O segmento de narração, que compreende aos parágrafos de 2 a 4, apresenta como base dois tempos: o pretérito perfeito e o imperfeito. O

primeiro indica que os processos aos quais se aplica são colocados em primeiro plano, enquanto que o pretérito imperfeito indica que os processos estão colocados em segundo plano.

Dentro do segmento narrativo contem ainda segmentos de discurso direto em que o tempo presente (deixa, busco, trabalham, deve, revira, chegamos) é tido como base. A utilização do presente coloca os conteúdos verbalizados como concomitantes ao momento da produção.

4.3. Mecanismos enunciativos

Posicionamentos enunciativos e vozes

Na crônica “Uma Lição de Vida” de Jorge Fernando dos Santos, apresentam-se fortes traços da voz do autor empírico, uma vez que o narrador que apresenta e discute os acontecimentos é identificado apenas por marcas de primeira pessoa, além de se tratar de uma crônica que, normalmente, apresenta o olhar do cronista sobre determinados fatos do cotidiano.

- “Uma coisa que sempre me comoveu (e intrigou)...” (§ 1);
- “Dia desses levantei de bom humor...” (§ 2);
- “Quando passei pelo negão e seu companheiro...” (§3);
- “... e perguntou se eu tinha fósforo” (§ 4)¹⁰.

Além da voz do autor empírico, percebe-se também a voz de personagens que estão diretamente ligados ao percurso temático, conforme segue:

- “Será que a senhora me deixa beber um pouco d’água?” (§ 2);
- “Essa água não é boa” (§ 2);
- “Sempre admirei a alegria com que vocês trabalham.” (§ 4);
- “E por que a gente devia de ser triste?” (§ 4);
- “Não sei... Um trabalho desses não deve ser mole.” (§ 4);
- “Claro que não” (§ 4);

¹⁰ Existem outros casos que não foram destacados, a fim de evitar a exatidão.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

- “Mas duro mesmo é a vida de quem revira o lixo à procura de comida. A gente pelo menos não chegamos lá.” (§ 4).

Modalizações

No texto em foco, há a predominância de modalizações apreciativas por seu conteúdo tratar principalmente das impressões do cronista sobre um determinado recorte de um fato cotidiano, porém se pode encontrar também exemplos de modalização lógica, conforme os casos a seguir:

Modalização Apreciativa

- “desperdiçando água, como de costume” (§ 2);
- “essa água não é boa” (§ 2);
- “água de mangueira já está bom demais” (§ 2);
- “o sol no céu estava de arrebentar mamona” (§ 3);
- “sempre admirei a alegria com que vocês trabalham” (§ 4);
- “um trabalho desses não deve ser mole” (§ 4).

Modalização Lógica

- “claro que não” (§ 4);
- “mas duro mesmo é a vida de quem revira o lixo a procura de comida” (§ 4).§

5. Conclusão

O trabalho docente exige, além do conhecimento técnico da disciplina, estratégias pedagógicas para que a aprendizagem dos estudantes seja alcançada. O trabalho com gêneros pode ser visto, então, como um caminho para acessar conhecimentos existentes nos discentes, assim como de construir novos conhecimentos. Como visto na análise da crônica, os conhecimentos gramaticais, de compreensão e interpretação textual e de produção escrita podem ser desenvolvidos de forma mais aprofundada e significativa. Por fim, essa proposta pode servir como meio para des-

partar o interesse dos estudantes para a produção textual de uma forma contextualizada, visando um fim que não seja apenas a avaliação quantitativa feita pelo professor, mas sim visando um interlocutor que dialogará direta ou indiretamente com seu texto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHINOV, Volochinov N. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad.: Michel Lauhd e Yara Frateschi Vieira. 8. ed. São Paulo: HUCITEC, 1997.

BAZERMAN, Charles; DIONISIO, Angela Paiva; HOFFNAGEL, Judith Chambliss. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo*. Trad.: Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. 2. ed. São Paulo: Educ, 2009.

FARIA, João Roberto. Prefácio. In: ALENCAR, José de. *Crônicas escolhidas*. São Paulo: Ática, 1995.

KÖCHE, Vanilda Salton; MARINELLO, Adiane Fogali. O gênero textual crônica: uma sequência didática voltada ao ensino da leitura e escrita. *Revista E-Scrita*. Nilópolis, vol. 4, n. 3, p. 256-271, 2013.

MACHADO, Anna Rachel. A perspectiva interacionista sociodiscursiva de Bronckart. In: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée. *Gêneros: teorias, métodos, debates*. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2007, p. 237-259.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. *Gêneros textuais e ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária: prosa*. 9. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1979.

_____. *Dicionário de termos literários*. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée. *Gêneros: teorias, métodos, debates*. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2007, p. 152-183.

SANTOS, Jorge Fernando dos. Uma lição de vida. *Uma Coisa e Outra: Cultura e Comportamento*. Disponível em: <<http://umacoisaeoutra.com.br/cultura/jorge.htm>>. Acesso em: 10-12-2009.

TODOROV, Tzvetan. A origem dos gêneros. In: _____. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Martins Fontes, 1980, p. 43-58.